

OPERAÇÃO “FÚRIA ÉPICA”: RELATÓRIO DE 2 DE MARÇO DE 2026

A morte do líder supremo não colapsou o regime e as retaliações iranianas são de proporções históricas, revelando alianças estratégicas e vulnerabilidades logísticas críticas que poderão redefinir o equilíbrio de poder no Oriente Médio, transformando um confronto militar supostamente calculado em uma crise geopolítica sem precedentes.

Albert Caballé Marimón*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

RESUMO EXECUTIVO

As 48 horas de conflito até 1º de março de 2026 transformaram um confronto militar, em tese calculado, em uma crise geopolítica de proporções históricas, culminando na morte do Líder Supremo do Irã, Aiatolá Ali Khamenei, e desencadeando uma retaliação iraniana de escala sem precedentes.

Este relatório busca oferecer uma análise aprofundada dos eventos, focando não apenas nos acontecimentos, mas em suas potenciais implicações estratégicas, políticas e logísticas. A morte de Khamenei, longe de ser um golpe final, parece ter catalisado uma resposta feroz de um regime que agora luta por sua própria sobrevivência.



Sequência temporal dos eventos críticos que marcaram a escalada do conflito nas primeiras 48 horas, desde o início dos ataques até a confirmação de perdas militares e humanas.

A crise expôs uma complexa rede de alianças e vulnerabilidades. Nossa análise revela apoio material da China e da Coreia do Norte ao programa de mísseis iraniano, o que contradiz a narrativa de um isolamento completo. A China atua como importante fornecedora de precursores químicos para combustível de foguetes, e a Coreia do Norte transfere tecnologia balística avançada, sustentando a capacidade do Irã de conduzir uma guerra de atrito contra os caros e limitados sistemas de defesa antimísseis dos EUA e de Israel.

Adicionalmente, um incidente de alegado fogo amigo no Kuwait, que resultou na perda de três caças F-15E americanos, adicionou uma camada de complexidade e embaraço à operação, destacando os riscos de uma guerra em um ambiente de alta ameaça.

A MORTE DO LÍDER SUPREMO E A DINÂMICA DA GUERRA

A morte do Aiatolá Ali Khamenei, confirmada na madrugada de 1º de março, representa o evento mais sísmico na história da República Islâmica desde sua fundação. Khamenei não era apenas o chefe de Estado; ele era o centro de gravidade ideológico e militar do regime por mais de três décadas. Sua eliminação em um ataque direto ao seu complexo em Teerã foi um ato de decapitação estratégica que, paradoxalmente, pode ter unificado facções do regime em vez de fragmentá-las no curto prazo. Fontes ocidentais, como a BBC e a CNN, confirmaram danos estruturais significativos à "Casa de Liderança", sugerindo o uso de munições de penetração profunda com o objetivo claro de eliminar o comando central [1, 2].

No entanto, o impacto imediato não foi um colapso, mas uma transição constitucional rápida. A nomeação de um Conselho de Liderança Interino, liderado pelo Aiatolá Alireza Arafí, demonstra que

mecanismos de sucessão, embora nunca testados sob fogo, estavam em vigor. A nomeação de Ahmad Vahidi, uma figura da linha-dura, como novo comandante da Guarda Revolucionária, sinaliza uma intenção de endurecer a resposta militar, não de buscar uma saída negociada [3]. A guerra, portanto, não termina com Khamenei; ela entra em uma nova fase, possivelmente mais perigosa, liderada por um *establishment* que agora precisa provar sua força e legitimidade para consolidar o poder internamente e dissuadir novas agressões externamente.

ALVOS, DANOS E A RESPOSTA IRANIANA



Mapa estratégico ilustrando a dispersão geográfica dos alvos militares, bases americanas no Golfo e centros econômicos afetados pelos ataques iranianos.

A Operação “Fúria Épica” foi caracterizada por uma precisão cirúrgica em seus alvos iniciais, focando em dismantelar a infraestrutura nuclear e de mísseis do Irã. Os ataques israelenses e americanos atingiram alvos críticos, incluindo:

Instalações Nucleares: O complexo de enriquecimento de urânio em Isfahan e as instalações subterrâneas em Qom foram alvos prioritários, na tentativa de atrasar o programa nuclear iraniano em anos.

Centros de Comando e Controle: O complexo da liderança em Teerã e quartéis-generais da Guarda Revolucionária em Kermanshah foram atingidos para desorganizar a cadeia de comando.

Produção de Mísseis: Instalações em Karaj, conhecidas por abrigar pesquisa e desenvolvimento de mísseis balísticos, foram severamente danificadas.

A retaliação iraniana, por sua vez, foi maciça e geograficamente dispersa, com o lançamento de aproximadamente 1.200 mísseis e drones em duas ondas principais. Os alvos iranianos incluíram:

Bases Militares dos EUA: A Base Aérea de Al-Udeid no Catar, o quartel-general da 5ª Frota no Bahrein, e as bases de Al-Salem no Kuwait e Al-Dhafra nos Emirados Árabes Unidos foram alvos de barragens de mísseis, resultando em danos significativos à infraestrutura.

Alvos em Israel: Múltiplas cidades israelenses foram alvo, com o sistema “Iron Dome” sendo sobrecarregado em diversos momentos, resultando em pelo menos uma morte civil confirmada e danos a edifícios residenciais em Tel Aviv.

Infraestrutura Civil e Econômica no Golfo: Relatos indicam que estilhaços de interceptações causaram incêndios no porto de Dubai e danos à fachada de hotéis de luxo, demonstrando o risco colateral para centros econômicos da região.

PERDA DE TRÊS CAÇAS F-15E

Em um desenvolvimento embaraçoso e custoso para os Estados Unidos, o Comando Central dos EUA (CENTCOM) confirmou em 2 de março que três caças F-15E Strike Eagle foram derrubados sobre o Kuwait em um incidente de “fogo amigo” [12]. As aeronaves, que participavam da Operação “Fúria Épica”, teriam sido atingidas “por engano” pelas defesas aéreas do Kuwait. Os seis tripulantes ejetaram em segurança e foram resgatados em condição estável.



Síntese dos custos materiais e humanos da operação (conhecidos), incluindo a perda de três caças avançados e as primeiras baixas americanas confirmadas.

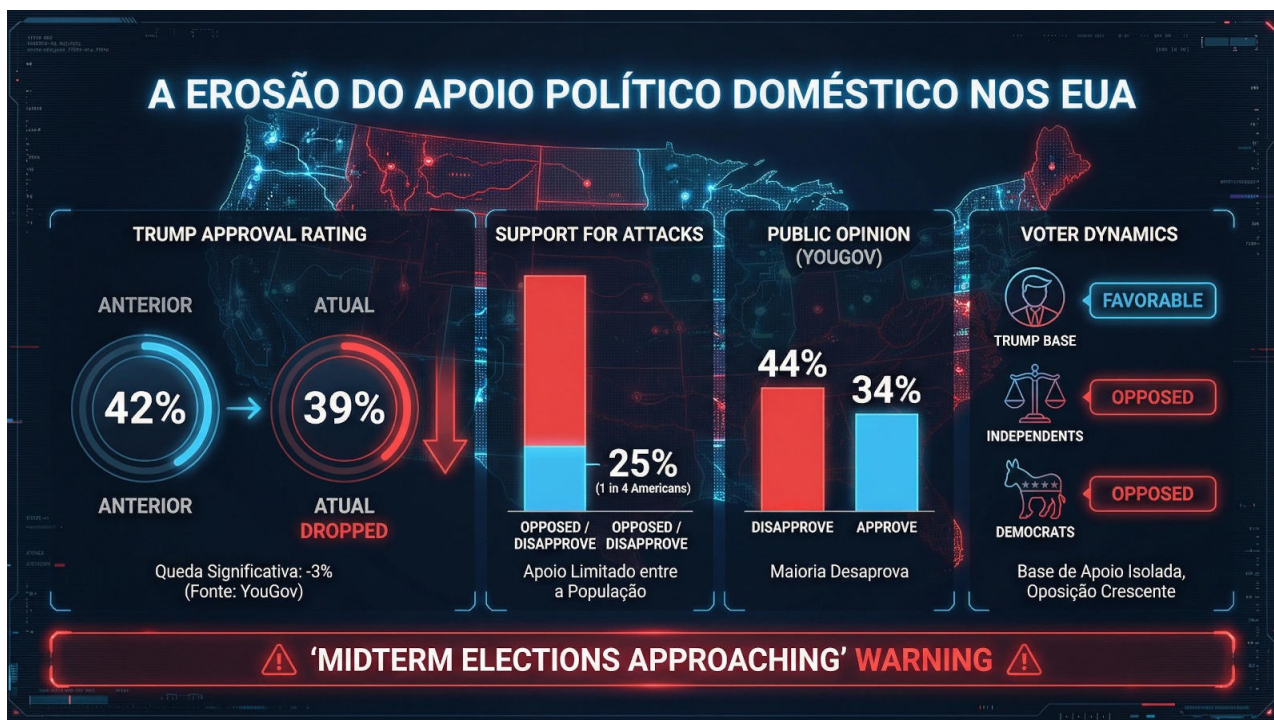
O incidente ocorreu em um ambiente de combate de alta intensidade, com as defesas aéreas da região em alerta máximo devido aos ataques iranianos com mísseis e drones. A perda de três caças avançados, cada um avaliado em mais de US\$ 80 milhões, representa um golpe significativo não apenas em termos materiais, mas também simbólicos. O F-15E é uma aeronave icônica e uma plataforma crucial para ataques de precisão de longo alcance, e sua perda, mesmo ainda que

realmente tenha ocorrido por fogo amigo, destaca a complexidade e os riscos inerentes a uma operação militar em um espaço aéreo congestionado e contestado, e expõe falhas da coalizão atacante. Este evento pode levar a uma revisão dos procedimentos de engajamento e coordenação entre as forças da coalizão.

BAIXAS AMERICANAS E IMPLICAÇÕES PARA TRUMP

No domingo, 1º de março, o CENTCOM confirmou as primeiras baixas americanas na operação: três militares mortos e cinco gravemente feridos em ataques a bases no Golfo [4]. Essa confirmação representa um ponto de inflexão político para a administração Donald Trump. Embora a operação tenha sido inicialmente apresentada como um sucesso limpo e preventivo, a perda de vidas americanas introduz um custo político que pode erodir o apoio público à guerra.

Uma pesquisa Reuters/Ipsos divulgada em 1º de março indicou uma queda na aprovação de Trump de 42% para 39%, com apenas um em cada quatro americanos apoiando os ataques [5]. Outras pesquisas, como a da YouGov, mostraram que 44% dos americanos desaprovam a ação militar, contra 34% que a aprovam [6]. Isso sugere que, embora a base de Trump possa apoiar a ação, o eleitorado independente e a oposição democrata veem a operação como uma “guerra de escolha” imprudente. A narrativa de uma intervenção rápida e decisiva está sendo desafiada pela realidade de um conflito que agora produz baixas e exige um compromisso militar prolongado, criando um cenário politicamente arriscado para Trump, especialmente com as eleições de meio de mandato se aproximando.



Impacto político doméstico nos EUA da operação, mostrando a queda na aprovação presidencial e a divisão de apoio entre diferentes segmentos eleitorais.

GUERRA DE ATRITO LOGÍSTICO E O APOIO AO IRÃ

O conflito expôs uma assimetria crítica na capacidade logística das partes, uma dinâmica que é profundamente influenciada pelo apoio externo que o Irã recebe da China e da Coreia do Norte. O Irã, com um arsenal, segundo algumas fontes, estimado entre 6.000 e 10.000 mísseis balísticos e de cruzeiro, aposta em uma estratégia de saturação. Seu vasto estoque (número desconhecido) de mísseis de curto e médio alcance, embora tecnologicamente inferiores aos sistemas ocidentais, permite lançar ataques em massa com o objetivo de sobrecarregar as defesas adversárias [7]. Essa capacidade de produção em massa é sustentada por uma cadeia de suprimentos resiliente, que conta com o apoio indireto da China.



Rede de alianças estratégicas que sustentam a capacidade militar iraniana, demonstrando como China, Coreia do Norte e Rússia fornecem apoio material, tecnológico e de inteligência.

O canal químico chinês

Relatórios de inteligência ocidentais documentaram um aumento significativo nas exportações de perclorato de sódio da China para o Irã. Entre setembro e outubro de 2025, o Irã importou 2.000 toneladas deste precursor químico, suficiente para produzir combustível para aproximadamente 500 mísseis balísticos [13].

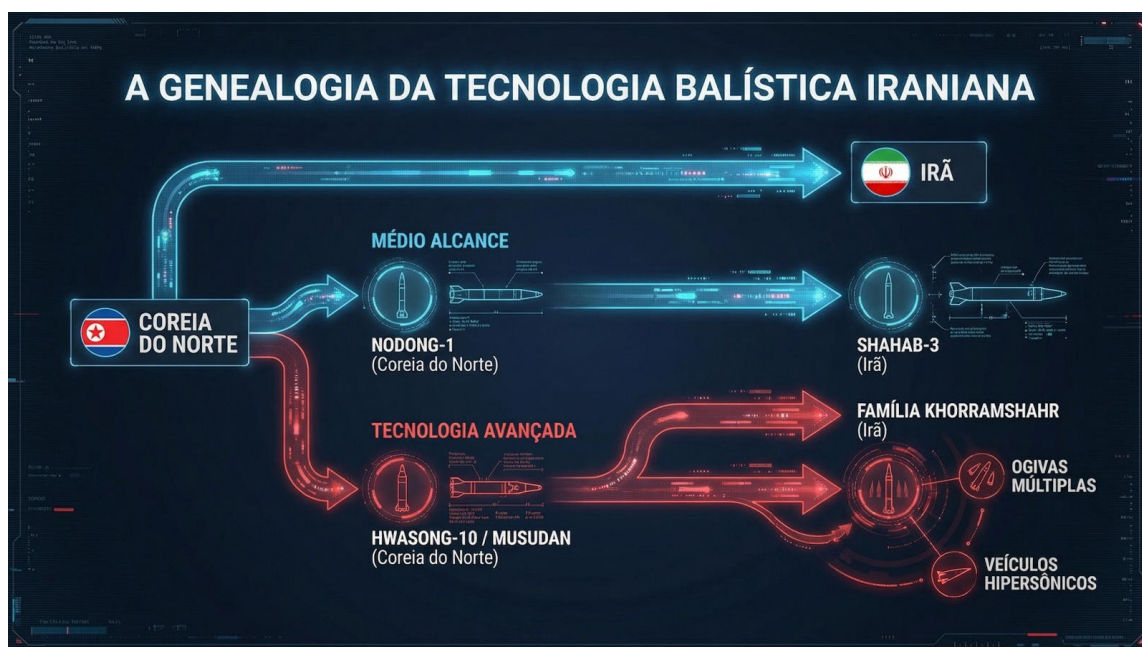
Esse é um dado conhecido; o número total poderia ser significativamente maior. A China, ao facilitar esse comércio, fornece um apoio material indireto, mas fundamental, à capacidade militar iraniana, sem transferir diretamente tecnologia de mísseis.



A China tem um papel crítico como fornecedora de precursores químicos, sustentando a capacidade iraniana de produzir combustível para mísseis balísticos em larga escala.

A conexão balística norte-coreana

A parceria entre o Irã e a Coreia do Norte é profunda e direta. Pyongyang forneceu não apenas mísseis completos, como os da série Hwasong, mas também tecnologia crucial que permitiu ao Irã desenvolver seus próprios sistemas avançados. O míssil Shahab-3 é uma derivação do Nodong-1 norte-coreano, enquanto a família Khorramshahr é baseada na tecnologia do Hwasong-10 (Musudan) [14]. Essa cooperação tecnológica permitiu ao Irã desenvolver capacidades sofisticadas, como ogivas múltiplas e veículos planadores hipersônicos.



Genealogia da tecnologia balística iraniana, mostrando como a transferência de conhecimento norte-coreano permitiu ao Irã desenvolver capacidades sofisticadas de mísseis balísticos.

Vulnerabilidade dos interceptadores ocidentais

Do outro lado, os EUA e Israel dependem de sistemas de defesa antimísseis altamente sofisticados, como o THAAD e o Patriot, cujos interceptadores são extremamente caros (cerca de US\$ 15 milhões por disparo de THAAD) e limitados em número. Fontes da *Bloomberg* e do *Financial Times* relatam que os estoques desses interceptadores já estavam “perigosamente baixos” e podem se esgotar em questão de dias se a intensidade dos ataques iranianos for mantida [8]. A doutrina militar de disparar de dois a três interceptadores por míssil inimigo acelera esse esgotamento.

Estamos, portanto, testemunhando uma guerra de atrito logístico: é possível que o Irã, auxiliado indiretamente pela China e diretamente pela Coreia do Norte, possa se dar ao luxo de lançar centenas de mísseis de baixo custo, enquanto os defensores precisam gastar bilhões de dólares e esgotar seus estoques limitados para neutralizá-los. Essa dinâmica não é sustentável a longo prazo para a aliança EUA-Israel.



Análise da assimetria logística crítica, mostrando como a estratégia iraniana de saturação por volume confronta a vulnerabilidade dos sistemas de defesa ocidentais limitados e caros.

APOIO EM INTELIGÊNCIA E GUERRA ELETRÔNICA AO IRÃ

Já em termos de capacidades de inteligência e guerra eletrônica, nossa análise sugere que o apoio da Rússia e da China ao Irã transcende o fornecimento de *hardware* militar e insumos químicos, adentrando o domínio estratégico do espectro eletromagnético e da inteligência geoespacial.

A Rússia teria fornecido ao Irã acesso a satélites de reconhecimento de alta resolução e sistemas avançados de defesa aérea e guerra eletrônica. A China, por sua vez, teria integrado o Irã ao seu sistema de navegação por satélite BeiDou-3, fornecendo precisão de nível militar e imunidade ao *jamming* ocidental, além de utilizar sua vasta constelação de satélites para fornecer inteligência de

sinais (SIGINT) em tempo real. Este apoio combinado confere ao Irã uma profundidade estratégica que desafia a superioridade tecnológica dos EUA e de Israel, permitindo que Teerã conduza operações de precisão e se defenda de ataques furtivos de forma mais eficaz.



Visualização multidimensional do conflito, ilustrando como a guerra transcende o domínio físico e se estende por espaço, eletrônico, cibernético e político.

Apoio de Satélites Russo e Chinês

O apoio no domínio espacial é possivelmente um dos pilares da cooperação estratégica entre o Irã e seus aliados orientais. O Irã não dependeria apenas de seus próprios recursos limitados, mas teria acesso a uma rede sofisticada de satélites de reconhecimento e comunicação.

A Contribuição Russa

Satélite Khayyam: Lançado em 2022, o Khayyam é, na verdade, um satélite russo da série Kanopus-V operado em nome do Irã. Ele fornece a Teerã imagens com resolução de 1,2 metros, uma capacidade significativa que permite ao Irã monitorar bases militares dos EUA e de Israel com um grau de detalhe antes inatingível [15]. Este acesso direto a um satélite de reconhecimento moderno representa um salto qualitativo na capacidade de inteligência iraniana.

Lançamentos de Satélites: A Rússia tem sido a principal parceira do Irã no lançamento de seus próprios satélites. Em dezembro de 2025, um foguete russo Soyuz colocou em órbita três satélites iranianos de comunicação – Paya, Kowsar e Zafar-2 –, a partir do cosmódromo de Vostochny [16]. Embora descritos como satélites de comunicação e observação da Terra para fins civis, a tecnologia de uso duplo é evidente, e a experiência adquirida nesses lançamentos fortalece o programa espacial iraniano como um todo.

A Contribuição Chinesa

Sistema de Navegação BeiDou-3: Talvez o apoio mais crítico venha da integração do Irã ao sistema de navegação por satélite chinês BeiDou-3. Ao contrário do GPS americano, que pode ser degradado ou negado a adversários em tempos de conflito, o BeiDou oferece ao Irã acesso a sinais de posicionamento, navegação e tempo (PNT) de alta precisão e criptografados. Isso confere aos mísseis e drones iranianos uma precisão de nível centimétrico e uma resistência significativa ao *jamming* ocidental, aumentando drasticamente sua letalidade [15].



A integração do Irã ao sistema de navegação por satélite chinês BeiDou-3 fornece capacidades de precisão e resistência ao jamming, transformando a efetividade dos sistemas de armas iranianos.

Inteligência de Sinais (SIGINT): A China estaria utilizando sua vasta constelação de mais de 500 satélites para fornecer ao Irã inteligência de sinais (SIGINT) e mapeamento de terreno em tempo real. Esse apoio é crucial para rastrear os movimentos navais dos EUA no Golfo Pérsico e identificar a localização de ativos militares de alto valor [15]. Empresas chinesas de análise de imagens de satélite, como a Mizar Vision, também têm divulgado publicamente imagens de alta resolução de bases americanas e israelenses, demonstrando a capacidade de monitoramento da China e, indiretamente, fornecendo inteligência de fonte aberta [17].

CAPACIDADES DE GUERRA ELETRÔNICA E CIBERNÉTICA

O conflito entre Irã e a coalizão EUA-Israel não está sendo travado apenas com mísseis e bombas, mas também no domínio invisível do espectro eletromagnético e do ciberespaço.

Sistemas de guerra eletrônica fornecidos pela Rússia

Caças Su-35 com Pods Khibiny-M: Os caças Su-35 Flanker-E, cuja entrega ao Irã começou no início de 2026, são equipados com os avançados pods de guerra eletrônica Khibiny-M. Estes sistemas são

projetados para detectar e interferir nos radares de aeronaves furtivas, como o F-35, e em sistemas de mísseis guiados por radar, criando um escudo eletrônico em torno das formações de ataque [15].

Radares Anti-stealth: A Rússia forneceu ao Irã o sistema de radar de alerta antecipado Rezonans-NE, um radar VHF de longo alcance capaz de detectar e rastrear alvos com baixa seção transversal de radar (*stealth*), como bombardeiros B-2 e caças F-22, a grandes distâncias [15].

A Dimensão Cibernética

Desde o início dos ataques em 28 de fevereiro, uma intensa guerra cibernética tem ocorrido em paralelo. Relatos da *Reuters* e da *Security Week* indicam que uma onda de operações cibernéticas coordenadas acompanhou os ataques físicos. *Hackers* pró-ocidentais lançaram ataques de negação de serviço (DDoS) e intrusões profundas em sistemas de infraestrutura de energia e aviação do Irã, causando interrupções significativas e um “apagão” parcial da internet no país [18, 19].

Em retaliação, grupos de *hackers* alinhados ao Irã, como o “Handala” e o “Sicarii”, intensificaram suas operações, visando infraestrutura de combustível na Jordânia e sistemas de controle industrial em Israel. A *CrowdStrike* relatou um aumento na atividade de reconhecimento e ataques DDoS por parte de atores iranianos, que geralmente precedem operações mais agressivas [19]. Embora não haja evidências diretas de que a Rússia ou a China estejam participando ativamente desses ciberataques em nome do Irã, a tecnologia e o treinamento fornecidos por ambos os países, especialmente no campo da defesa cibernética, certamente fortalecem a capacidade do Irã de resistir a ataques e conduzir suas próprias operações ofensivas.

FONTES

[1] IRELAND, Olivia. *Why did US and Israel attack Iran and how long could the war last?* BBC News, 1º de março de 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cx2dyz6p3weo>.

[2] Cobertura ao vivo. CNN, 2 de março de 2026. Disponível em: <https://edition.cnn.com/world/live-news/iran-israel-us-attack-03-02-26-intl-hnk>.

[3] AYYUB, Rami. CORNWELL, Alexander. ABDALLAH, Nayera; EL DAHAN, Maha. *More strikes aimed at Iran after US-Israeli assault kills supreme leader*. Reuters, 1º de março de 2026. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/more-strikes-aimed-iran-after-us-israeli-assault-kills-supreme-leader-2026-03-01>.

[4] STEWART, Phil; ALI, Idrees. *US announces its first casualties in Iran war; poll signals challenge for Trump*. Reuters, 1º de março de 2026. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/us-military-says-three-its-service-members-killed-iran-operation-2026-03-01>.

[5] BEDIGAN, Mike. *Only one in four Americans support Trump's airstrikes on Iran, poll finds*. The Independent, 1º de março de 2026. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/trump-airstrikes-iran-opinion-poll-b2929820.html>.

[6] MORRIS, G. Elliott. *Trump starts a war with Iran that few Americans support*. G. Elliott Morris/Strength in Numbers, 1º de março de 2026. Disponível em:

<https://www.gelliottmorris.com/p/polls-trump-iran-2026-03-01>.

[7] *Iran's Ballistic Missiles Threatening US Bases Across Middle East Explained*. Army Recognition, 28 de fevereiro de 2026. Disponível em:

<https://www.armyrecognition.com/news/army-news/2026/irans-16-ballistic-missiles-threaten-us-bases-in-middle-east-as-operation-epic-fury-escalates>.

[8] **DOYLE**, Gerry. *Iran Strikes: Iran's Missile Barrage Tests Whether US Has Enough Interceptors*.

Bloomberg, 28 de fevereiro de 2026. Disponível em:

<https://www.bloomberg.com/news/articles/2026-02-28/iranian-missile-attacks-set-to-strain-us-interceptor-stockpiles>.

[9] *Russia condemns US-Israeli attack against Iran under cover of talks*. TASS, 28 de fevereiro de 2026.

Disponível em: <https://tass.com/politics/2093401>.

[10] **BAO**, Anniek; **ELLYATT**, Holly. *Why Iran should not count on allies Russia and China to come to its aid*.

CNBC, 2 de março de 2026. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2026/03/02/iran-china-russia-strikes-assistance-alliance-weapons-missiles-geopolitics-oil-prices-ukraine.html>.

[11] **YOO**, Kyungjin. *North Korea Slams US, Israel Over 'Shameless' Strike on Iran*. Bloomberg, 2 de março

de 2026. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2026-03-02/north-korea-slams-us-israel-over-shameless-strike-on-iran>.

[12] *Three U.S. F-15s Involved in Friendly Fire Incident in Kuwait; Pilots Safe*. U.S. Central Command, 2 de

março de 2026. Disponível em: <https://www.centcom.mil/MEDIA/PRESS-RELEASES/Press-Release-View/Article/4418568/three-us-f-15s-involved-in-friendly-fire-incident-in-kuwait-pilots-safe>.

[13] **BELL**, Melissa; **MEZZOFIORE**, Gianluca. *Western intelligence says Iran is rearming despite UN sanctions, with China's help*. CNN, 31 de outubro de 2025. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2025/10/29/middleeast/iran-rebuilding-ballistic-weapons-program-intl>.

[14] *Will Iran Use North Korean Hwasong-10 Ballistic Missiles in its Next Round of Strikes on Israel?*

Military Watch Magazine, 5 de julho de 2025. Disponível em:

<https://militarywatchmagazine.com/article/will-iran-use-nkorean-hwasong10-ballistic-missiles-israel>.

[15] **BOLTUC**, Silvia. *How Russian and China Tech Underpins Iranian Strategic Depth*. Special Eurasia, 1º

de março de 2026. Disponível em: <https://www.specialeurasia.com/2026/03/01/russia-china-iran-tech-military>.

[16] *Russia sends 3 Iranian satellites into orbit, report says*. NPR, 28 de dezembro de 2025. Disponível em:

<https://www.npr.org/2025/12/28/nx-s1-5659773/russia-iranian-satellites>.

[17] *How Chinese startup released sensitive imagery of US and Israeli firepower around Iran*. Deccan

Herald, 2 de março de 2026. Disponível em: <https://www.deccanherald.com/world/china/how-chinese-startup-released-sensitive-imagery-of-us-and-israeli-firepower-around-iran-3917450>.

[18] **VICENS**, A. J. *Hackers hit Iranian apps, websites after US-Israeli strikes*. Reuters, 1º de março de 2026.

Disponível em: <https://www.reuters.com/business/media-telecom/hackers-hit-iranian-apps-websites-after-us-israeli-strikes-2026-03-01>.

[19] KOVACS, Eduard. *US-Israel and Iran Trade Cyberattacks: Pro-West Hacks Cause Disruption as Tehran Retaliates*. Security Week, 2 de março de 2026. Disponível em: <https://www.securityweek.com/us-israel-and-iran-trade-cyberattacks-pro-west-hacks-cause-disruption-as-tehran-retaliates>.

**Albert Caballé Marimón possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na Academia da Força Aérea (AFA). Foi colaborador do US Naval Institute (USNI) e atualmente é coordenador da Escola do Canal Arte da Guerra.*
